



# revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

«A VERDADEIRA educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o carácter ...

A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmónico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.»

**E. G. WHITE**

(Educação, pp. 225, 13)



# "estai vós apercebidos"

## JUVENTUDE QUE CRÊ EM DEUS E NÃO ACREDITA NA IGREJA

MADRID — A Comissão Episcopal da Espanha publicou recentemente os resultados de uma pesquisa sobre a juventude espanhola. São estudos feitos por diversos organismos e abordam os problemas da juventude na família, no trabalho e, além disso, analisam a religiosidade dos jovens e a sua relação com a fé. O relatório afirma que a grande maioria da juventude ainda acredita na existência de Deus, embora a vida de fé não ultrapasse o nível teórico. — O Ministério.

## A BÍBLIA PUBLICADA EM 29 NOVOS IDIOMAS

NOVA IORQUE — A Bíblia, ou porções da mesma, foi publicada pela primeira vez em mais 29 línguas durante o ano passado, segundo um relatório da Sociedade Bíblica Americana.

Estas novas publicações elevam o total de línguas e dialectos em que pelo menos um livro da Bíblia tenha sido publicado a 1577, aproximadamente metade do número de línguas e dialectos que se calcula existirem no mundo.

A Bíblia completa apareceu pela primeira vez em mais três línguas no ano passado: indonésio, kikaonde (falado na Zâmbia e no Zaire), e Oluluyia (Quénia). Também se relata agora uma tradução feita em 1973 para bielorusso (falado na União Soviética).

Das 1577 línguas representadas, a Bíblia completa aparece em 261, o Novo Testamento em mais 384, e em ou mais livros da Bíblia nas restantes, segundo os números fornecidos pela S. B. A. (\*)

## SÁBIOS E CINEASTAS UNEM OS ESFORÇOS NUM GIGANTESCO PROJECTO PARA FILMAR TODA A BÍBLIA

NOVA IORQUE — Uma equipa internacional de sábios e cineastas lançou a «publicação» da Bíblia completa filmada, trabalho que se espera vir a ser concluído no século XXI.

Organizado sob o título de «O Projecto Génesis», este esforço produzirá o que se chama «The New Media Bible» [o que se poderia traduzir por «A Bíblia pelos Meios Audiovisuais»]. Basear-se-á na versão inglesa King James e será constituída por segmentos filmados de todos os acontecimentos da Bíblia, sem nenhum comentário estranho.

O dia 1 de Setembro de 1976 foi designado como a data de publicação

dos primeiros segmentos que formarão oito partes cobrindo os primeiros 22 capítulos do livro de Génesis e os primeiros dois capítulos do Evangelho de S. Lucas.

Os filmes, destinados em primeiro lugar a estabelecimentos de ensino e instituições religiosas, não poderão ser alugados. Os assinantes por contrato beneficiarão de um preço de 2000 dólares (60 000\$00) por ano. Depois de 1 de Setembro, esse preço passará para 2500 dólares. O projecto, que já custou 5 000 000 de dólares, data do princípio de 1969.

Os organizadores do Projecto Génesis prevêem que serão precisos 33 anos para o completar, com um orçamento total de centenas de milhões de dólares. (\*)

## DIRIGENTE DO AGUDATH ISRAEL VÊ UM RETORNO ÀS «TRADIÇÕES»

ATLANTIC CITY — O Agudath Israel da América, movimento nacional Judeu Ortodoxo, anuncia que um bom número de judeus americanos estão a voltar à «tradição judaica».

«Embora os problemas de assimilação e casamentos mistos não tenham diminuído, somos hoje testemunhas de uma nova tendência para a direcção oposta», disse o Rabi Shaul Shenker, director do Programa de Educação Judaica, daquela organização.

Afirmou durante a quinquagésima terceira Convenção do Agudath Israel aqui em Atlantic City que «milhares de judeus americanos, que durante anos se mostraram indiferentes, estão rapidamente a mudar de atitude, fugindo à assimilação espiritual e regressando à tradição judaica» (\*).

## FORNECIMENTO DE BÍBLIAS À U.R.S.S.: 3 000 VOLUMES PARA A ESTÓNIA

WAKE FOREST — A Aliança Baptista Mundial (BWA) fez uma dotação de 3 000 dólares para cobrir o custo de 3 000 Bíblias em língua alemã, que serão enviadas para a União Soviética por intermédio das Sociedades Bíblicas Unidas.

C. Roland Goulding, secretário associado da BWA em Londres, disse que o Departamento dos Assuntos Religiosos da U.R.S.S. deu autorização para que o envio das Bíblias fosse feito de Bruxelas, na Bélgica, para a Estónia, na U. R. S. S. (\*)

(\*) Notícias provenientes do Religious News Service, traduzidas de Ministry.

## SUMÁRIO

Página Editorial
Assembleias
Plano de Cinco Dias para Deixar de Falar na Vida Alheia — Curso Intensivo
O Ilógico Geológico
Série Reformismo — Separação profetizada — em 1914 ou na Lei Dominical?
Saúde - Alimentação - Temperança — O que se Sabe Acerca do Queijo
História do Mês A Promessa de Teodoro
Os Jovens e o Acampamento 76
Notícias do Campo
Caixa de Perguntas — Os Vinhos da Bíblia
Maria Não Se Casou
«Estai Vós Apercebidos»
Breves Notícias do Mundo Adventista

## revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SEPTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

JUNHO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 357

Director: ANTÓNIO SIMÕES LOPES BAIÃO

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO  
S. A. R. L.

Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
S A C A V É M

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

### Preços:

Assinatura Anual:	50\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro	70\$00

# ASSEMBLEIAS

Aproximamo-nos a passos rápidos da próxima Assembleia da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia. Esta é, sem dúvida, uma Assembleia histórica, pois embora convocada ainda pelo estatuto da Missão Portuguesa, durante a sessão serão estudados e certamente aprovados os novos estatutos que darão seguimento aos votos tomados a nível da União e da Divisão, segundo os quais esta organização deixa de ser Missão, passando a ser Associação, o que quer dizer que deixa de receber ajudas financeiras e passa ao autofinanciamento.

A maturidade financeira e administrativa que esta medida comporta, põe-nos diante de uma maior responsabilidade que deve ser sentida ao nível de cada membro, de cada igreja e da Associação. Esperamos, portanto, que as próximas Assembleias decorram sob o signo da maturidade, maturidade essa que se reflecte nas atitudes correctas, na promoção da Obra e na unidade dos crentes.

Sendo esta organização profundamente democrática, desde os seus primórdios que funciona nesta base, e a sala das Assembleias, a nível das Associações, é o lugar onde os representantes das igrejas devem procurar com

«decência e ordem» promover a Obra do Senhor e eleger os responsáveis a diversos níveis. Este é o momento de se participar com ideias e recomendações que possam contribuir para o avanço da Igreja na hora presente e também para a confirmação e consolidação dos seus crentes. Todos os membros de todas as igrejas têm a palavra através dos seus delegados, que são o seu porta-voz às Assembleias; estes devem, portanto, ser eleitos com todo o cuidado.

A unidade deve reinar. É através da união que o mundo verá que somos filhos de Deus e discípulos de Cristo. Na célebre oração de Jesus pelos discípulos, o Salvador pediu ao Pai para que «todos sejam um». Este deve ser o pensamento a dirigir a nossa mente durante todos os trabalhos desta Assembleia. Há os que têm sempre relutância em aceitar ideias e planos que não sejam os seus, e que procuram impor a sua própria vontade. Devemos deixar que o verdadeiro amor cristão e o Espírito Santo tomem posse das nossas vidas, a fim de que todos possamos nestas Assembleias contribuir para honra e glória de Deus e para o progresso da Sua Igreja.

**A. Baião**

# PLANO DE CINCO DIAS

## para deixar de FALAR NA VIDA ALHEIA

### CURSO INTENSIVO

**Benito Raymundo**

#### **PALAVRAS DE INTRODUÇÃO**

A PRINCÍPIO, quando comecei a compor estas linhas, pensei em escrever um livro que fosse uma espécie de cartilha, útil no combate à maledicência, pecado que infelizmente lavra no nosso mundo como ervas daninhas em terreno mal cuidado.

Logo, porém, que pus mãos à obra, veio o Irmão Manuel ter comigo com estes conselhos insistentes:

— Pastor! Não faça isso! Já há tantos livros por aí nas prateleiras. Para quê mais um? Depois ... esse assunto é tão insípido! O Irmão não terá coragem de o dissecar até ao fim e, ainda que o conseguisse, não encontraria público que se interessasse por ele, a não ser uns poucos ingênuos que, como o Irmão, pensam que esse mal pode ser erradicado! Não perca tempo, Pastor! Fazer o nosso povo deixar de falar da vida alheia é como tentar segurar os ventos ou como querer reprimir o vaivém eterno das ondas do mar! Ademais, que poderá fazer um livreco satírico para combater um mal mais insidioso e alastrado que o próprio cancro?

Tanto este irmão insistiu comigo, com tais e tais argumentos, que atirei para longe a pena, empacotei os planos e já ia desistindo de

tudo, quando o importuno me fez voltar à luta arguindo-me desta maneira:

— Pastor, porque é que não faz uma tentativa, escrevendo resumidamente o curso, através da Revista? Porque atirar fora todo este material quando há tanta gente necessitada por aí, esperando por uma alma caridosa que lhe ensine como romper com esse vício? Porque deixar arder esse fogo destruidor, quando umas canecas de Água da Vida poderiam extingui-lo? Não vê que o mal cresce à medida que o amor mirra nos corações e que até alguns que deviam ter uma língua erudita só para anunciar as boas novas do Evangelho, já estão contaminados e vão-se transformando em agentes da maledicência? Não ouve os gemidos surdos, abafados, daqueles que sentem na carne as estocadas traiçoeiras das línguas desenfreadas que atacam pelas costas? Não sente a dor dos que assistem amargurados à cena repugnante dos modernos fariseus arrastando as suas vítimas para a cerimónia selvagem do apedrejamento? Não comove os seus mais ternos sentimentos assistir à evasão dos escorraçados, que anualmente emigram das nossas igrejas, banidos pela vergasta envenenada de línguas santas que se entrelaçam para fustigar aqueles que tiveram a infelicidade de cair em tentação? Não percebe que aumenta cada dia o número dos voluntários, que gratuitamente se oferecem para esmagar a cana trilhada, para apagar o pavio fumegante da fé, para desalentar os

tristes e abatidos e correr com todos quantos não vivem segundo as suas normas vesgas e farisai-cas? Não revolta assistir entre nós à circulação rasteira de cartas anónimas pejadas de afrontas e insultos e saber que o diabo, num requinte de perversidade, rotulou estes escribas pusilânimes de irmãos em Cristo, de Adventistas do Sétimo Dia, quando qualquer bando de renegados hesitaria em recebê-los nas suas fileiras? Não incendia o coração ver esse pequeno grupo de embusteiros, pretensos salvadores da pátria, tentando transformar a Igreja de Deus num anarquizado sindicato, onde a língua é um punhal afiado e um escudo, um esconderijo para a mentira? Vai deixar que os abutres façam os ninhos nas cumeeiras das igrejas, olhando do alto as nossas aflições, grassando contra aqueles que arcam com o peso da responsabilidade de conduzir, nesta hora trágica e violenta, o povo de Deus? Não vai fazer nada por essa gente miúda que vive rodeando o nosso acampamento, como corvos à caça do prato predilecto?

— Vamos! Reverbere energicamente contra este pecado! Tome o azorrague usado para expulsar os vendilhões do templo e fustigue com ele as costas impunes dos cavilosos maldizentes!

— Embeba essa pena nas lágrimas daqueles que foram injustamente castigados pelo açoite de línguas enganadoras e carregue sem piedade contra todos os ímpios murmuradores, crivando-os de anátemas da cabeça aos pés!

—Alto lá, Irmão Manuel! Por favor, não distorça as minhas intenções! Pensei apenas em dar um curso que ajude a libertar o escravo desse vício! Não estou aqui para chicotear e nem para amaldiçoar ninguém! Desejo ser suave e brando para apontar ao falador errante um caminho melhor e mais feliz!

—Não se esqueça, porém, que o Irmão está lidando com serpentes venenosas e que toda a prudência é pouca!

—Irmão Manuel, não seja ferino! Assim, o Irmão espanta os alunos! Tenho a certeza de que até o mais empedernido maldizente, conduzido com jeito e com brandura, pode ser recuperado! Este curso visa instruir e esclarecer para salvar! Não posso usar uma língua rude e violenta como o Irmão está insinuando!

—Bem, Pastor! Eu vou ser franco consigo. Não creio que um curso assim consiga algum resultado!

—Mas será baseado na Bíblia e no Espírito de Profecia! Não creio no poder da Palavra de Deus, Irmão Manuel?

—Creio, Pastor, mas essa gente que vive por aí a falar mal dos outros já está vacinada! Só um milagre ou uma cirurgia poderá silenciar a maldição das suas palavras!

—Irmão Manuel, o Irmão é muito violento. Gostaria que me ajudasse a ministrar o curso, mas assim o Irmão só serve para atrapalhar. Não o compreendo! Insiste comigo para que faça alguma coisa pelos maldizentes e depois é o

primeiro a me desanimar criando obstáculos. Dou ou não dou o curso?

—O Irmão deve dar o curso, mas nada de branduras! Para mim, ensinar um maldizente é como domar uma fera! Com fisgas e chicote nas mãos!

—Irmão Manuel, por favor, retire-se! Não insulte mais essa pobre gente! Hei-de dar o curso como sei que deve ser e vou provar-lhe que o amor é mais forte do que o ódio, e que os métodos de Cristo são superiores a todas as violências do diabo!

—Está bem, Pastor, mas acho que o Irmão vai gastar latim inutilmente! A maldicência não tem cura e quem lida com ela arrisca-se a contrair o mal!

—Irmão Manuel!

—Pastor, a maldicência é uma peste perniciososa! O maldizente, como o cão raivoso, tem na sua saliva pegajosa e baça o vírus da morte e da destruição. A diferença do mal entre um e outro é apenas esta: **O cólera morbus** do cão mata unicamente o corpo, ao passo que o vírus da maldicência ataca o corpo, o espírito e a alma e ainda vai mais longe na sua trajetória destruidora. Ataca a família, cons-

purcando a honra, enlameando nomes, dissolvendo alianças fundidas ao pé do altar. Separa amigos, levantando barreiras intransponíveis, criando inimizades, instigando a inveja, o ciúme, a vindicta, adestrando mãos inocentes para o crime. Atinge a Igreja, corroendo a espiritualidade dos seus membros, espalhando a desconfiança, a mordidão, e inutilizando todo o seu trabalho missionário!

—Está certo, Irmão Manuel. Eu sei que a maldicência é uma maldição, e que este é o nosso pecado! Este é o pecado que está matando espiritualmente alguns dos nossos irmãos e que irá levar muita gente boa, acompanhada por alguns obreiros com as suas Bíblias e hinários surrados debaixo do braço, para a completa perdição. Creio que por ser um mal tão miserável assim é que deve ser combatido!

—Sim, perfeitamente, Pastor! Só discordo de si quanto ao método de combatê-lo. Prefiro a espa-



da de Pedro para decepar orelhas que ouvem e línguas que tramam. Não concordo com o método do amor com os abomináveis!

— Irmão Manuel, onde é que o Irmão viu a violência e o ódio criarem alguma coisa? Se o amor, a paciência e a tolerância não conseguirem plantar a bandeira branca da paz na cidadela inflamada do coração, quem o conseguirá?

— Está bem, Pastor! Vá nessa sua fé. Oxalá eu venha a ficar humilhado diante dos resultados do seu curso. Prefiriria ter que retratar-me a ver o Irmão desanimado, vencido, humilhado até ao pó, sem conseguir diplomar um só dos seus alunos! Para que isso não aconteça, o Irmão terá que lutar muito! A tarefa a que se propôs é gigantesca e só poderá levá-la a bom termo se possuir a perseverança, a sabedoria e a coragem de um Pasteur! As empreitadas são em tudo muito semelhantes ...

— Irmão Manuel, sou um pastor e não um microbiologista! Estou lidando com almas e não com micróbios. Que semelhança há entre a minha humilde missão e a do insigne cientista? Não seja irónico e irreverente, meu Irmão!

— Pastor, não faço a analogia por desrespeito à pessoa humana! Mas, pensando bem, não poderia evocar outro vulto que calhasse tão bem diante da obra que o Irmão tem pela frente!

— Explique-se, Irmão Manuel.

— Como sabe, Pasteur foi o criador da poderosa vacina anti-rábica que debelou a peste virulenta e perniciososa que grassava livremente ... na boca dos cães.

— Irmão Manuel! Basta! Não quero ouvir mais uma única palavra dos seus lábios! O Irmão será o meu primeiro aluno, e como castigo pelas suas insolências, peque nestas fichas e vá de igreja em igreja, percorrendo o país de norte a sul, por todos os recantos, inscrevendo os maldizentes, os intriguistas, os caluniadores, os críticos, os acusadores, os boateiros, os insinuidores, enfim, todas as línguas afiadas e todos quantos, directa ou indirectamente, participam desse vil pecado, para que assistam às aulas que se seguirão!

(Continua)

# O ILÓGICO GEOLÓGICO

**Crítica feita por um investigador crente a ideias que outros têm como válidas unicamente porque a maioria dos investigadores as aceita.**

VITTORIO FANTONI

Ainda no fim do século XVIII, as ideias da criação bíblica e da fixidade das espécies eram professadas pela esmagadora maioria dos naturalistas.

Estava ainda sólida a teoria do catastrofismo, segundo a qual a história da Terra consiste numa sucessão de grandes catástrofes (provocadas ou consentidas por Deus). Baseia-se evidentemente num postulado mais amplo de ordem existencial: o da presença de Deus na história com intervenções até de ordem sobrenatural, com o fim de a guiar, controlar, moderar algumas das suas manifestações extremas.

Para o cristão a história é «teologia da história».

Carlos Lineu (1), o grande naturalista sueco, autor duma excepcionalmente lúcida obra de classificação sistemática das espécies animais e vegetais, podia escrever com profunda convicção e sem causar admiração a ninguém: «... existem hoje tantas espécies quantas foram criadas no início».

O próprio Cuvier (1769 - 1832) que desfrutou de grande prestígio mesmo durante vários decénios após a sua morte, foi um fervoroso defensor do estatismo e da inalterabilidade das espécies (2), procurou explicar a extinção de certas formas de vida e o aparente surgimento de outras, além de certos dados geológicos que se estavam evidenciando, com a ideia de que a Terra teria encontrado



uma série de grandes catástrofes, às quais se teria seguido sempre um novo acto criador de Deus; a última destas catástrofes teria sido o «dilúvio» bíblico.

Foi certamente a geologia (ainda mais que as ciências biológicas que nela se inspiraram), unida ao estudo dos fósseis, que desferiu o primeiro grande golpe sobre a teoria das «catástrofes», substituindo-a pelo «Actualismo» (ou Uniformismo).

Já James Hutton (1726-1797), pelas suas próprias observações, havia chegado à conclusão de que a sobreposição dos estratos horizontais sucessivos de rochas sedimentares não se poderia explicar como resultado de um grande dilúvio e postulou, ao contrário, uma calma e ordenada disposição dos materiais durante longos períodos de tempo.

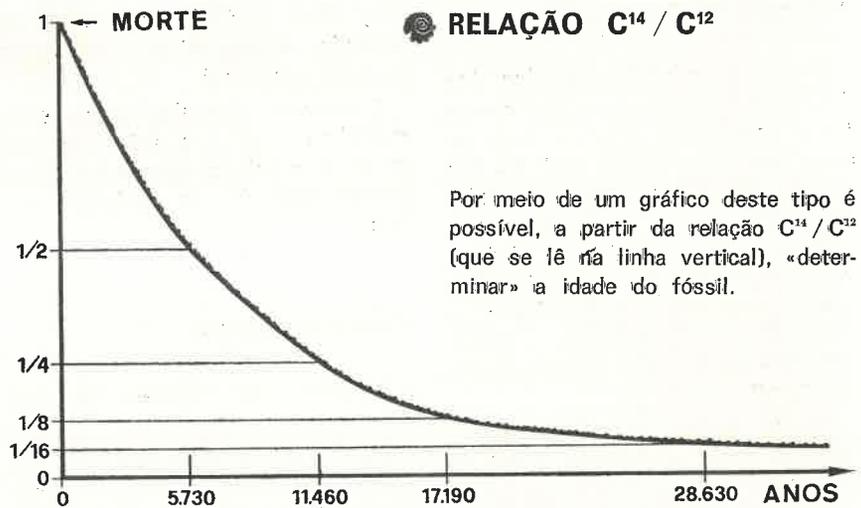
Com William Smith (1769-1839) aceitou-se a afirmação segundo a qual a paleontologia devia constituir a base da estratigrafia, visto que os vários estratos apresentavam cada um a sua própria série característica de fósseis.

Aquí nasce a ideia da «idade relativa» das rochas, que se baseia sobre a afirmação de que os estratos mais baixos são os mais antigos e, na medida em que se aproximam da superfície, se sobrepõem estratos cada vez mais próximos de nós no tempo. Depois, o facto de os fósseis estarem depositados de baixo para cima segundo uma linha que parte das formas de vida mais simples para as mais organizadas, reforça, pelo menos à primeira vista, esta tese, sugerindo a ideia de uma filiação evolutiva das espécies (3). Tudo isto levou a geologia (na sua interpretação actualística) e a paleontologia a serem a base do evolucionismo.

Foi depois o geólogo inglês Carlos Lyell (1797-1875) quem conseguiu impor o abandono quase total da teoria das catástrofes (4).

## O Actualismo

O actualismo triunfou na geologia e lançou a base para o evolucionismo biológico, contribuindo para minar a confiança no conceito bíblico de um Deus criador.



O actualismo baseou-se em duas proposições fundamentais:

A. A história da Terra pode observar-se em acção actualmente.

B. Ela não consiste numa série de catástrofes, mas teve um desenvolvimento lento e gradual (5).

As causas que hoje actuam são as mesmas do passado e não há que imaginar a existência de outras: a história é portanto uniforme. A teoria ainda se ampliou seguidamente, proclamando, além da constância qualitativa das causas, também a sua uniformidade quantitativa (os seus efeitos médios, a velocidade de acção, por exemplo).

Não oferece dúvida que nos encontramos em face duma posição fortemente dogmática: como afirmar com tanta segurança que nada pode ter mudado desde a origem?

Isto não é certamente rigoroso no plano do método científico, mas compreende-se como tal teoria se enquadrava maravilhosamente no conjunto de ideias que paralelamente se estavam desenvolvendo noutras disciplinas.

Será portanto esta tese irrefutável? Nós pensamos que não!

Vejamos agora de mais perto como se passou de um conceito genérico de «idade relativa» dos fósseis e estratos, que podia dar apenas uma ideia comparativa de quais estratos ou fósseis seriam mais velhos que outros, ao moderno conceito de «idade absoluta»: isto é verdadeira, real, computável numericamente em anos,

séculos ou eras, conforme os casos.

As idades atribuídas pela geologia actualista aos vários períodos que a Terra teria atravessado apresentam números desconcertantes pela sua grandeza.

A Terra teria hoje 4 biliões e meio de anos e a sua história dividir-se-ia em 5 compridíssimas eras: a **Arqueozóica** (a mais longa, 4 biliões de anos) a **Paleozóica**, a **Mesozóica**, a **Cenozóica** e a actual, a **Neozóica**. Tudo isto põe em foco um evidentíssimo contraste ulterior com a narração bíblica!

Segundo a Escritura, as origens do mundo, partindo da semana da criação, ainda que não se possam determinar exactamente nos seus termos cronológicos, não se distanciam quase seguramente mais de 12 000 a 15 000 anos.

A este respeito, a datação e a genealogia do Génesis, infelizmente, são apenas genericamente indicativas, dada a maneira como o historiador semita aborda a sua matéria, maneira completamente diferente daquela que hoje é usada numa história que é fundamentalmente cronológica nos factos e nas ideias (6); apesar destas incertezas, retenhamos que o limite acima indicado não se pode considerar transponível. Não há dúvida portanto que tais discordâncias abissais entre as datas sugeridas pela Bíblia e as idades geológicas constituem motivo de dúvidas e incertezas de peso.

Foram os recentes estudos dos fenómenos radioactivos que permitiram aperfeiçoar diversas técnicas para avaliar a idade real de um fóssil e de um mineral. Mas existirão argumentos para contestar a validade dos resultados obtidos com este método cujas implicações, enquanto desacreditam a tese de um «catastrofismo recente», reforçam muito a tese evolucionista?

Neste artigo examinaremos o método mais conhecido e universalmente aceite: o do «radiocarbono» ou «carbono 14».

Sob a acção dos raios cósmicos, forma-se nas camadas altas da atmosfera um tipo de carbono, o  $C^{14}$ , diferente do carbono normal que é o  $C^{12}$ . Enquanto o  $C^{12}$  permanece estável, o  $C^{14}$  desintegra-se a uma velocidade conhecida e suposta constante (7).

Dado que a velocidade de decaência e a de formação são idênticas, a relação  $C^{14}/C^{12}$  mantém-se constante no tempo. Sabe-se que as plantas absorvem  $CO_2$  (anidrido carbónico) da atmosfera no processo da fotossíntese (para a formação de anidrido carbónico concorrem evidentemente na proporção normal  $C^{14}$  e  $C^{12}$ , pelo que também a relação  $C^{14}O_2/C^{12}O_2$  é constante); daí se conclui que enquanto a planta (ou o animal que dela se alimenta) vive, a relação nos seus hidratos de carbono é igual àquela que existe na atmosfera; mas uma vez que a planta, ou o animal, tenha encerrado o seu ciclo de vida, a relação  $C^{14}/C^{12}$  diminui como resultado da decaência da radioactividade do radiocarbono. Ora nós sabemos que cada 5700 anos aproximadamente a quantidade de  $C^{14}$  se reduz a metade (e portanto também a relação, mensurável, entre  $C^{14}$  e  $C^{12}$ ), pelo que basta pois medir o radiocarbono que resta num fóssil para lhe avaliar a idade absoluta.

Estas medições dão idades oscilando entre 1000 e 70 000 anos com uma precisão que parece aceitável (8); fez-se uma verificação do método com comparações respeitantes a dados arqueológicos (que não eram mais antigos no entanto

que 4000 a 5000 anos, não se obtendo apesar disso resultados sempre positivos).

É possível formular contra este método uma crítica objectiva, partindo da posição criacionista? Dizemos sem dúvida nenhuma que sim.

### Crítica Criacionista

Vejamos em síntese algumas destas críticas:

A. O método pressupõe um primeiro postulado, o da velocidade constante de desintegração do  $C^{14}$ . Alguns estudos recentes podem sugerir a existência de anomalias ainda inexplicáveis a esse respeito. Se estas observações se vierem a confirmar, haverá que abandonar o método.

B. A comparação de certos dados cronológicos obtidos com o radiocarbono e de dados históricos exactos, às vezes não concordam de maneira sensível (afastamentos de até 23-30 %).

C. Uma segunda hipótese é também fortemente discutível: a da constância da quantidade do dióxido de carbono ( $CO_2$ ) na atmosfera. As enormes jazidas carboníferas encontradas em Spitzbergen e na Antárctida com vegetais fósseis de grandes dimensões (na maioria pteridófitas) indicam a existência passada de uma certa uniformidade climática sobre o globo. Há muitos paleontologistas e naturalistas que pensam que uma taxa mais elevada de  $CO_2$ , juntamente com outros factores (9), teria permitido que a atmosfera absorvesse uma maior quantidade de energia solar («efeito estufa»), produzindo um clima tipo subtropical sobre toda a extensão da Terra. Uma maior quantidade de  $CO_2$  teria além disso permitido um maior desenvolvimento nas dimensões dos vegetais sem prejudicar (desde que se observassem certos limites) a existência da vida.

Notemos como estas observações concordam plenamente com a ideia de um clima pré-diluviano uniforme que ressalta da narração bíblica. A diminuição sucessiva da taxa de  $CO_2$  pode ser facilmente explicada com base no catastro-

fismo bíblico: as chuvas torrenciais do «dilúvio» (que, como veremos, provínham quase seguramente da atmosfera) teriam «lavado» a atmosfera do gás, arrastando-o em grande parte para as águas oceânicas.

D. Finalmente o limite mais evidente. Estamos ainda diante de um postulado (10): o da velocidade constante de formação do  $C^{14}$  na atmosfera. É óbvio que o método perde toda a sua validade caso não se suponha que em todas as épocas a relação  $C^{14}/C^{12}$  foi sempre igual à que existe hoje.

Hoje tem-se a certeza de que a actividade dos raios cósmicos (responsáveis directos pela formação do radiocarbono) é inversamente proporcional à intensidade do campo magnético terrestre, e com outra tanta certeza sabemos que este último não é constante, mas sujeito a notáveis variações cujas causas não estão completamente esclarecidas (11) (sendo quase certo que a irregularidade da actividade solar constitui uma delas). Isto coloca-nos diante de um grosseiro «erro sistemático!»

Não se pode portanto afirmar que todas as amostras examinadas continham ao morrer a mesma quantidade de  $C^{14}$ , na medida em que isso dependia da intensidade do campo magnético vigente durante a vida da planta ou do animal em questão.

Para quem, como nós, crê na autoridade do catastrofismo bíblico, o método tem outro limite que ressalta do texto inspirado.

Em Génesis 1:6-8, lemos:

**«E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. E fez Deus a expansão, e FEZ SEPARAÇÃO ENTRE AS ÁGUAS que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. E assim foi. E chamou Deus à expansão céus, e foi a tarde e a manhã o dia segundo».**

Neste passo é narrada de forma sintética e em estilo simples a segunda fase da actividade criadora de Deus; pode-se notar a maneira como foram organizadas a atmosfera e as águas.

As águas são divididas em dois depósitos: um sobre a terra e

outro «sobre a expansão». O salmista exprime-se nestes termos:

**«Louvai-O, céus dos céus, e as águas que estão sobre os céus».** (Salmo 148:4)

Isto sugere a possibilidade da presença de uma quantidade notável de vapor de água (hoje ausente) nos altos estratos da atmosfera.

Esta interpretação ajusta-se bem ao texto de Génesis 7:11, onde com a expressão «as janelas dos céus se abriram» se indica uma das causas físicas da grande tragédia do dilúvio.

Notemos como o vapor de água poderia encontrar refúgio natural nas camadas de ozono da estratosfera, devido à acentuada afinidade entre o ozono e a água; aliás essas faixas apresentam intervalos de temperatura bastante elevados (até 300° Kelvin, ou seja 27° C). A hipótese é perfeitamente aceitável, e dela ressalta uma observação muito interessante: uma tão importante presença de vapor de água na atmosfera podia constituir uma formidável barreira à penetração das radiações cósmicas e, por conseguinte, à formação do radiocarbono.

Não há dúvida de que para nós existem limites insuperáveis à aceitação do método do C<sup>14</sup> (como de outros análogos, ainda que mais aperfeiçoados) ou pelo menos à aceitação da sua cronologia para o período pré-diluviano.

Demos um exemplo: imaginemos uma planta antediluviana; ela assimilou em vida uma baixíssima quantidade de C<sup>14</sup>; submetida à análise, a sua idade é avaliada num número de anos excessivamente grande, uma vez que se postula que a sua taxa mínima de radiocarbono resultou de um processo de transmutação radioactiva que se desenvolveu num longo período de tempo.

## Conclusão

Como se vê, ao mesmo fenómeno (escassa quantidade de C<sup>14</sup> nos fósseis) podem-se atribuir duas explicações diferentes:

1. Uniformista: um tempo muito longo transcorrido desde a morte até hoje.

2. Criacionista: confirmação da hipótese de que o mundo antediluviano conheceu uma atmosfera extremamente pobre em C<sup>14</sup>.

Os mesmos factos (aqui, como noutros casos) podem portanto ser interpretados de duas maneiras radicalmente diferentes, segundo os actos de fé precedentemente adquiridos.

Da nossa parte cremos firmemente que o nosso acto de fé na revelação bíblica assenta sobre bases, tanto de ordem existencial e ética como racional, muito mais sólidas do que qualquer outra posição de confiança dogmática nos, ainda que respeitáveis, frutos da sabedoria e do conhecimento humano.

## V. Fantoni

1. O «sistema naturae» de Lineu foi um válido contributo ao progresso científico; ele é sobretudo recordado por ter introduzido a «nomenclatura binominal», ou seja o processo de definir cada organismo mediante dois nomes latinos: o primeiro indicando o género, o outro a espécie.

2. Para evitar possíveis equívocos, digamos que hoje é necessário distinguir entre duas noções: estabilidade e fixidade das espécies. A estabilidade admite a possibilidade de pequenos desvios em volta de uma dada posição média, a fixidade (ou estatismo) não. Notemos que nós não somos fixistas; isto é admitimos uma certa mobilidade global das espécies, cuja amplitude é no entanto tão pequena que não faz variar as características fundamentais.

3. Deixemos para outras ocasiões o trabalho de mostrar a que afirmações dogmáticas levou o haver-se confundido as noções, bem diferentes, de complexidade e de cronologia; mas não podemos deixar de assinalar como esta atitude mental se baseia sobre diversos postulados, sendo fortemente apriorísticas; por ex.: não seria talvez de tomar em consideração a ideia de que fósseis idênticos podem ser o resultado de ambientes de vida idênticos, mais do que da sua contemporaneidade?

4. Observemos como este afastamento do pensamento bíblico emerge num período histórico de «rotura», fortemente secularizante, e como a busca de uma interpretação mais satisfatória se deve, muito mais do que a certos dados discutíveis sugeridos nalgumas disciplinas científicas, ao espírito geral duma época que vê o ho-

mem procurar uma «identidade» nova numa ordem diferente de valores existenciais.

5. C. Darwin, assim como aproveitou de Malthus a ideia da luta pela existência («struggle for Life»), também se inspirou grandemente em Lyell na concepção do processo lento e contínuo da evolução biológica.

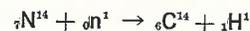
6. Moraldi Lyonnet, «Introduzione alla Bibbia...», Vol. I, p. 62. «Seria certamente anacronismo pretender que a história bíblica revista o carácter científico da historiografia como hoje a concebemos... É também verdade que o historiador israelita narra a história com um objectivo religioso; isto não quer porém dizer que sacrifique os factos à sua tese.

«Além disso o historiador israelita emprega às vezes artifícios e procedimentos redactoriais; por ex.: na compilação das genealogias às vezes compendia todo um período histórico ou, por razões de simetria, omite nomes, usa números que têm um valor convencional e aproximativo; despreza muitas vezes a cronologia...

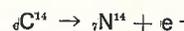
«Estes e outros procedimentos semelhantes revelam um método imperfeito, mas por si sós não impedem que tudo aquilo a que o historiador se refere corresponda à realidade histórica». Ver ainda Claus Schedl, «Storia dell'A. T.», Vol. I, Cap. II, pp. 127, 136.

7. O C<sup>12</sup> tem um átomo formado por 6 prótons, 6 neutrões e 6 electrões, enquanto que o C<sup>14</sup>, que é um isótopo do primeiro, tem dois neutrões a mais.

A reacção de formação é a seguinte, tendo em conta que os raios cósmicos são fundamentalmente formados por neutrões (n<sup>1</sup>):



Reacção de desintegração:



8. O facto de, desde meados do século passado para cá, o homem ter introduzido na atmosfera, como resultado do uso de combustíveis fósseis, grande quantidade de anidrido carbónico cuja percentagem de C<sup>14</sup> é praticamente nula, obrigou os investigadores a proceder a algumas correcções na maneira de determinar as datas.

9. Pode acrescentar-se, como depois veremos, a hipótese, muito verosímil, da presença concomitante de grande quantidade de vapor de água na estratosfera; isto teria reforçado a acção do anidrido carbónico.

10. Se crer no catastrofismo bíblico pressupõe evidentemente alguns actos de fé, podemos notar como também no actualismo não é decerto raro encontrarem-se posições dogmáticas...

11. A falta de uniformidade de um factor fundamental como o campo magnético faz enfermar, e não pouco, a concepção uniformista.

# SEPARAÇÃO PROFETIZADA

## em 1914 ou na Lei Dominical?

Wilmur C. de Medeiros

Com o objectivo único de ajudar os irmãos reformistas, preparámos este breve capítulo, por julgarmos ser uma ocasião muito oportuna. Pouco lugar reservámos para comentários nossos, porque reputamos os textos do Espírito de Profecia suficientes para esclarecerem a questão.

Como outros grupos separados, o Movimento Reformista tem procurado comprovação «profética» para a sua existência, o que na realidade não existe. Esse movimento não tem, profeticamente, razão para existir. Surgiu apenas pela vontade de homens como Dörscheler, Spanköbel e outros cujos traços biográficos desmentiram serem eles guiados por Deus.

Vejamos alguns textos do Espírito de Profecia utilizados torcidamente com a pretensão de que esse movimento tenha surgido como cumprimento dos mesmos textos:

«Quando a religião de Cristo for mais desprezada, quando Sua lei mais desprezada for, então deve nosso zelo ser mais ardoroso e nosso ânimo e firmeza mais inabaláveis. Permanecer em defesa da verdade e justiça quando a maioria nos abandona, ferir as batalhas do Senhor quando são poucos os campeões — essa será nossa prova. Naquele tempo devemos tirar calor da frieza dos outros, coragem de sua cobardia, e lealdade de sua traição.» 2 TS, 31.

Esta é a porção da passagem citada frequentemente nos panfletos em que se lê «Só para A. S. D.». Eis a continuação do texto:

«A nação ficará ao lado do grande líder rebelde.

«A prova virá por certo. Trinta e seis anos atrás foi-me mostrado que o que agora se desenrola haveria de suceder, que seria imposta ao povo a observância de uma instituição do papado por meio de uma lei dominical, enquanto pisaria a pés o santificado dia de repouso de Jeová.

«O Capitão de nossa salvação fortalecerá o Seu povo para o conflito no qual terão de se empenhar.» 2TS, 31 e 32.

Não é claro que a irmã White está fazendo referência ao tempo em que virá o decreto dominical, a prova final para o povo de Deus? Porque ainda usam injustamente este testemunho, totalmente deslocado do seu contexto? Unicamente pelo desejo de forjar profecias para o movimento separatista!

O conselho de Deus a respeito é:

«Tendes tirado também de sua conexão porções dos testemunhos que o Senhor tem dado para be-

nefício de Seu povo, e as aplicastes mal para sustentar vossas teorias errôneas — tomando emprestada ou roubando a luz do Céu para ensinar aquilo com que os testemunhos não se harmonizam, e que sempre têm condenado. Colocais assim tanto a Escritura como o testemunho no mesmo encaixe de erro.» 2 ME, 83.

Outro texto mal aplicado:

«Ao aproximar-se a tempestade...» GC, 488. As nossas reticências são motivadas pelo seguinte: Qual o membro de qualquer dos movimentos de reforma que não conhece de memória o restante desse texto? Ele tem sido indevidamente tomado como base em que se funda a «reforma». Aqui o movimento espúrio vê uma verdadeira «maravilha profética» para o seu surgimento. Filósofa, refilósofa e torna a filosofar e refilosofar sobre este mesmo ponto para «provar» que o acontecimento nele descrito teve cumprimento no decantado ano de 1914! Não é assim mesmo? Quem ousa afirmar o contrário? No entanto, que ilusão!

Não vamos demorar-nos para analisar esta passagem. Apenas faremos oportuna referência ao contexto, o que achamos suficiente para o leitor sincero se convencer da verdadeira aplicação desta profecia, a saber:

«A igreja apelará para o braço forte do poder civil, e nesta obra unir-se-ão romanistas e protestantes. Ao tornar-se o movimento em prol da imposição do domingo mais audaz e decidido, invocar-se-á a lei contra os observadores dos mandamentos...»

«Como os defensores da verdade se recusem a honrar o descanso dominical, alguns deles serão lançados na prisão, exilados, e outros tratados como escravos.» GC, 488.

Conclamamos o leitor a abrir agora mesmo o livro «O Grande Conflito» e ler, atentamente, na página 488, os dois parágrafos que antecedem o famoso «Ao aproximar-se a tempestade...». Se o leitor assim proceder, entenderá claramente que até agora tem sido vítima de uma ardilosa montagem. Entenderá, conseqüentemente, que o contexto indica claramente não haver absolutamente nenhuma relação com a famosa data de 1914!...

Ninguém seja tão incauto a ponto de ainda continuar a ser iludido com o falso conceito de que o «aproximar-se» aqui seja um longo período de 80 ou 100 anos antes da promulgação da lei domi-

nical. Esta é uma afirmação muito ruminada, premeditadamente falsa. **A irmã White (irmã dos que aceitam a Igreja Adventista do Sétimo Dia), refere-se nesta passagem a uma aproximação imediata.** Esta é a verdade, quer queiram, quer não.

Devemos notar alguns pensamentos neste testemunho:

- a) A separação será por ocasião do decreto dominical;
- b) Os que saem da Igreja Adventista são os apóstatas;
- c) Os fiéis permanecem e
- d) Aquela classe numerosa, portanto, ainda não se desligou da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A um indivíduo insolente que ensinava que com a sacudidura sairiam da igreja, **a nossa irmã White** disse:

«Tomais passagens dos Testemunhos que falam do fim do tempo da graça, da sacudidura do povo de Deus, e falais da saída dentre esse povo, de um outro povo mais puro, santo, que surgirá. Ora, tudo isso agrada ao inimigo.» 1 ME, 179.

Logo, a verdadeira sacudidura entre o povo de Deus só deverá vir no fim do tempo da graça. De maneira nenhuma poderia ter ocorrido em 1914. Os que hão-de sair da Igreja não serão os mais puros ou mais santos. Isto está em oposição frontal com o que o M. R. ensina.

Eis mais um texto torcido:

«Não está longe o tempo quando virá a prova a cada alma. A observância do falso sábado será imposta sobre todos. A controvérsia será entre os mandamentos de Deus e os mandamentos dos homens. Os que passo a passo se têm rendido às exigências mundanas e conformado a mundanos costumes, então render-se-ão aos poderes existentes em vez de se sujeitarem à irrisão, ao insulto, às ameaças de prisão e morte. Nesse tempo o ouro será separado da escória.» PR, 188.

Esta é uma citação paralela à de GC:488, 2TS, 31; EV, 361, etc. Nestas passagens a profetisa da Igreja Adventista menciona o problema do decreto dominical, apenas usando palavras diferentes. São estes os pensamentos que emanam do texto:

- a) Ao sobrevir o decreto dominical, os adventistas (individualmente) que não se prepararam devidamente, não resistirão à prova;
- b) Deixarão a Igreja Adventista e sairão como escória;
- c) Isto prova que o ouro e a escória estarão juntos até o decreto;
- d) Não é o ouro que será tirado da escória conforme o pretensioso e tendencioso opúsculo «ACONSELHO-TE» quer insinuar, mas sim a escória ou a palha (que é a mesma coisa), que sai do ouro. (Ver «Aconselho-te», pág. 59). Se não, leiamos:

«Por esse tempo o ouro será separado da escória, na igreja... A palha, como nuvem, será levada pelo vento...» SC, 49. Não creiamos, irmãos, nessa história de duas separações — uma antes e outra na lei dominical, — e que os fiéis adventistas vão deixar a Igreja para se unir aos «santos na luz» (TM, 234). O habilidoso autor de «Aconselho-te» deve-

ria usar a sua paráfrase por contraste: «Desaconselho-te», porque, em realidade, a companhia dos santos na luz não é nenhum movimento transviado como esse surgido em 1914, fraccionado desde o surgimento, e cada vez mais desintegrado em épocas sucessivas (1951, etc.). Os santos na luz são os anjos, e não os reformistas. A propósito, leia-se também DTN 32, 33, 99.

Assim, em apenas rápidas considerações, podemos perceber quão amplo é o território de areia movediça do M. R., e quão frágil o seu alicerce, plantado bem no epicentro dos abalos sísmicos que com frequência ocorrem nesse mesmo perigoso território.

O M. R. (tanto da facção lavrikista, como da kozelista) tem montado toda a sua heresia com passagens mal aplicadas. Entretanto, o Espírito de Profecia condena essa criminosa prática:

«Muitos estudam as Escrituras a fim de provar que suas próprias ideias estão certas. Mudam o sentido da Palavra de Deus para se acomodar às próprias opiniões. E o mesmo fazem com os testemunhos por Ele enviados. Citam meia sentença, deixando a outra metade que, se fosse citada, mostraria a falsidade de seu raciocínio.» («Mensageira da Igreja Remanescente», pág. 194).

«Alguns há que apanham da Palavra de Deus e também dos Testemunhos parágrafos ou sentenças destacados que podem ser interpretados de maneira a se ajustarem a suas ideias, e nelas se detêm, e encastelam-se em suas próprias posições, quando Deus não os está dirigindo. Aí está o vosso perigo.» 1 ME, 179.

Convidamos os leitores sinceros a meditarem ainda no seguinte:

«Sempre haverá movimentos falsos e fanáticos feitos na Igreja por pessoas que pretendem ser dirigidas por Deus — pessoas que correrão antes de ser enviadas, e darão dia e data para o cumprimento da profecia não cumprida. O inimigo se agrada de que assim procedam, pois seus sucessivos fracassos e direcção em sentido falso, causam confusão e incredulidade.» 2ME, 84.

Concluindo, eis a última passagem sobre o tempo da verdadeira sacudidura entre o povo de Deus:

«Nações serão agitadas até o centro. Retirar-se-á o apoio aos que proclamam a única norma de justiça divina, o único seguro teste de carácter. E todos quantos não se curvarem ao decreto dos concílios nacionais e obedecerem às leis nacionais para exaltar o sábado instituído pelo homem do pecado, para menosprezar o santo dia de Deus, sentirão, não somente o poder opressivo do papado, mas do mundo protestante, a imagem da besta.

«Satanás operará seus milagres para enganar; estabelecerá seu poder como supremo. A Igreja talvez pareça como prestes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados fora no joeiramento — a palha separada do trigo precioso. É esse um transe terrível, não obstante importa que tenha lugar.» 2 ME, 380.

(Continua na página 18)

# O que se sabe acerca do QUEIJO

Por Ralph F. Waddell

Existem documentos antigos reveladores de que o queijo já era usado como alimento há quatro mil anos. Pensa-se que o queijo e a arte de o fabricar foram trazidos para a Europa por viajantes que o trouxeram da Ásia. Os romanos introduziram a fabricação do queijo na Inglaterra. Os monges nos mosteiros da Europa fizeram experiências na intenção de o melhorar, acrescentando-lhe sabor nutritivo. Os pioneiros da colonização americana incluíram-no nas suas provisões de alimentos e assim o levaram para o Novo Continente.

O queijo fabrica-se em quase todos os países onde existem animais que fornecem leite, quer sejam vacas, cabras, burros, búfalos, renas ou camelos. O leite de vaca é geralmente a fonte de onde se faz a maior parte do queijo. Cerca de um décimo de todo o leite que se produz é utilizado na fabricação de queijo.

Fabricam-se mais de 800 variedades de queijo, feitas por processos diferentes e variados. Inicialmente, antes de o homem conhecer os fenómenos químicos e bacteriológicos do queijo, a sua manufactura era frequentemente um segredo de família ciosamente guardado e considerado como uma arte que passava de geração em geração. No século passado, com a explosão da informação científica, o fabrico do queijo tornou-se uma ciência e, deste modo, susceptível de se controlar passo a passo.

O queijo obtém-se separando a coalhada resultante da coagulação da caseína do leite pela utilização de coalho ou outras enzimas, por fermentação láctica ou por uma combinação das duas coisas. A coalhada pode ser modificada pela acção do calor, pressão, fermentos sazoadores, fungos especiais ou determinados condimentos. A coalhada usada na manufactura do queijo é formada, ou pela acção da bactéria do ácido láctico ou pelo sistema enzimático do coalho; que se obtém vulgarmente do estômago da vitela, ou pela combinação de ambos os processos. A cultura inicial, geralmente o estrepitococo láctico, é misturada com o leite pasteurizado; imediatamente a seguir acrescenta-se o coalho e o queijo começa a fabricar-se. O calor, a

pressão, a fragmentação e pressão novamente, preparam o produto para o seu processo de amadurecimento e cura. As bactérias, os fungos e as enzimas podem modificar a cor e afectar de maneira evidente o sabor e a textura, pela ruptura das moléculas dos ácidos gordos e a proteólise das proteínas. É este processo de romper as gorduras e as modificações que se produzem nas proteínas ou aminoácidos, que levantam certas objecções.

Podem produzir-se sérios problemas depois de ingeridas estas substâncias, particularmente em pessoas que usem drogas anti-hipertensivas, tranquilizantes e outros medicamentos que podem afectar a acção das enzimas que normalmente se encarregam de digerir estas aminas.

A questão de comer queijo tem sido muito controversa, particularmente entre aqueles que procuram seguir hábitos de uma alimentação saudável. Como meio de chegar a uma conclusão prática à luz dos excelentes conselhos dados pela Irmã White, confirmados pela investigação científica, um grupo de competentes especialistas em nutrição da nossa Igreja reuniu-se nos arredores de Kansas City (Missouri), nos dias 27 e 28 de Maio do ano passado, para estudar as bases e as implicações deste problema.

Creemos que a conclusão a que chegaram é apropriada e racional e que pode muito bem servir de orientação para os adventistas do sétimo dia.

Tendo em conta os conselhos dados por Ellen G. White quanto ao uso do queijo, reconhecendo no entanto que a reforma é progressiva e que as recomendações devem ser feitas de maneira que sirvam para ajudar as pessoas na situação em que se encontram, consideramos:

1. Que se podem suprir as necessidades de uma dieta adequada, sem necessidade de queijo.
2. Que cada vez é maior a evidência que indica que os alimentos contaminados com bactérias e fungos podem ser perigosos para a saúde.
3. Que o queijo é frequentemente uma gordura altamente saturada.
4. Estes factos apoiam a afirmação da Irmã White de que o queijo é impróprio para alimentação (**Conselhos Sobre o Regime Alimentar**, pág. 368), embora reconheçamos que essa afirmação se refere a «queijo forte, curado».

Seguidamente damos algumas sugestões, como orientação para aqueles que fazem uso de queijo:

1. Escolha queijo fresco, não curado, queijo feito com natas, ou de leite desnatado.

(Continua na página 18)



## A Promessa de Teodoro

Durante a noite tinha desabado uma forte tempestade de vento. Teodoro tinha ouvido os trovões e visto os relâmpagos. Também tinha ouvido o ruído de qualquer coisa que se quebrava.

— Papá, que foi aquele ruído que se ouviu durante a noite? — foi a primeira coisa que Teodoro perguntou naquela manhã.

— Foi um tronco da árvore da entrada que se partiu. Existem muitos outros pequenos ramos espalhados pelo pátio. Não sei quando poderei recolher tudo aquilo.

Depois de terem tomado o pequeno almoço, papá e Teodoro saíram para ver os destroços deixados pela tormenta.

— Ainda bem que a tempestade não nos rompeu a rede de dormir — disse Teodoro agradecido.

— É verdade, nem a casa sofreu qualquer dano, nem ninguém da família — reconheceu feliz o pai, enquanto colocava a mão sobre o ombro do filho apertando-o suavemente. Teodoro olhou-o com um sorriso, e teve uma ideia.

— Papá, eu posso ajuntar todos os ramos! — exclamou. — Assim o pátio ficará limpo depressa.

— Claro que o poderás fazer; porém, tens a certeza de que o farás bem?

— Oh! sim, Papá, vou juntar todos os ramos, prometo! — respondeu Teodoro.

— Muito bem, o trabalho é teu. Vou depender da tua promessa, pois só depois do teu trabalho poderei cortar a relva.

— Eu vou! — e começou o seu trabalho. A princípio pareceu-lhe divertido. A medida que apanhava os ramos, começou a contá-los. Começou a sentir uma espécie de cansaço.

— Vou brincar um bocadinho. Não preciso juntar tudo isto no decorrer da manhã — pensou. E correu para casa à procura do seu carrinho vermelho. Antes de se dar conta, já a mãe o estava chamando para almoçar.

— Mamã, como passou depressa a manhã. E eu não ajuntei todos os ramos...

— Não os apanhaste todos? — perguntou a mãe.

— É que... também brinquei um bocadinho com o meu carro. Vou continuar esta tarde.

— É uma boa ideia, meu filho. — Teodoro dormiu um bocadinho. Acordou e recordou-se do trabalho que o esperava. Tinha apanhado mais alguns ramos, quando ouviu a voz de Roberto.

— Vem brincar comigo. Olha, tenho um jogo novo!

Teodoro largou os ramos, e estava dirigindo-se à porta da cozinha para perguntar à mãe se podia... quando se deteve.

— Hoje não posso ir à tua casa. Prometi ao meu pai juntar os ramos.

— Que maçada! — disse Roberto muito aborrecido. — Teu pai disse que tinhas de fazer isso hoje? — Teodoro sacudiu a cabeça.

— Não, mas eu prometi que o faria.

— Ora, não és obrigado a cumprir promessas! — argumentou Roberto.

— Vem mas é jogar.

Teodoro sentiu muita vontade de ir com Roberto. Era muito mais agradável ir brincar com ele, do que limpar o pátio. Mas respondeu:

— Não, não posso ir. Amanhã irei com muito gosto.

Roberto afastou-se e Teodoro começou a sentir-se outra vez muito cansado. — Faltavam ainda tantos ramos e já lhe doíam os dedos. «Talvez eu devesse ter ido com o Roberto», pensou. Mas pensava também quão contente ficaria o pai se ele fizesse o que prometera. «Deverei fazer o que prometi», pensava. — Além de tudo Jesus também ficará feliz se eu o fizer...

Assim, Roberto lançou-se ao trabalho. Com tal vontade o fez, que em pouco tempo o pátio estava limpinho.

— Terminei o meu trabalho! — disse Teodoro abrindo a porta da cozinha.

— Que bom, filho! — disse a mãe. Sinto-me orgulhosa de ti, meu filho.

Sei que podes, que és capaz de cumprir uma promessa.

# OS JOVENS E O ACAMPAMENTO 1976

Nos últimos dias de Agosto teremos novamente o Acampamento na Costa de Lavos.

Por meados de Junho, já em muitas Igrejas os pastores e os directores de jovens terão começado a falar mais insistentemente no Acampamento e logo as inscrições começarão a chegar aos escritórios da direcção M. V. em Lisboa.

O tempo passa rapidamente e dentro em breve nos encontraremos na reunião de abertura do Acampamento deste ano de 1976.

Penso que seria útil que todos nós que estamos planeando tomar parte no Acampamento pudéssemos reflectir um pouco acerca de alguns pontos verdadeiramente importantes no que concerne o teor de vida que, durante esses dez dias, vamos viver no Acampamento.

Permitam que faça uma pergunta:

—Qual é o objectivo do Acampamento?

Pensando bem, creio que podemos encontrar o objectivo do Acampamento numa síntese de vários elementos, todos eles dignos e merecedores da melhor atenção.

O Acampamento deveria proporcionar aos seus participantes desenvolvimento e bem-estar nos sectores espiritual, físico, social e intelectual. Podíamos talvez dizer que o Acampamento devia EDUCAR, entendendo-se por Educação a definição do Espírito de Profecia que relembramos aqui:

«Educação é o desenvolvimento harmonioso das qualidades físicas, mentais e espirituais».

Não me parece que possamos medir o êxito de um Acampamento pelo elevado número dos seus participantes, nem pelo local ideal que se possa encontrar, nem pelo tipo de diversões à disposição dos jovens, etc. Creio que o sucesso dum Acampamento se deve enquadrar nos préstimos e benefícios concedidos aos jovens no conjunto dos seus reais interesses e necessidades, que são: de ordem espiritual, física, intelectual e social.

Seria agradável que uma vez mais os participantes no Acampamento soubessem aquilo que o Departamento M. V. da Associação e os seus colaboradores desejariam ver efectivar-se no decurso dos dias do Acampamento.

Pensamos na área espiritual em primeiro lugar. Nós não desejaríamos que uma maioria dos jovens não aproveitasse os benefícios espirituais do Acampamento. Nós iremos esforçar-nos para que se proporcione aos jovens um teor de reuniões de carácter religioso que os ajude a progredir na sua fé em JESUS e que os ajude a voltarem às suas igrejas com maior vigor espiritual.

Pensamos que, em contacto com a Natureza, a saúde dos participantes no Acampamento deveria revigorar-se; as suas energias deviam aumentar e o seu aspecto melhorar bastante.

Julgamos que o nível de conhecimentos dos jovens no Acampamento podia também elevar-se um

pouco mais. Devíamos ficar mais sábios, mais conhecedores, mais esclarecidos.

E cremos que a vida social dos jovens podia também ser um aspecto bastante positivo no Acampamento, quer nos contactos entre jovens do mesmo sexo, como naqueles entre jovens de sexo oposto.

Mas não deveria haver no Acampamento um desequilíbrio entre estes quatro aspectos da vida humana. Se há jovens que vão para o Acampamento pensando somente em relações sociais, ou só em diversões, ou só em qualquer dos outros pontos citados, então o Acampamento será para esses jovens uma frustração — quer eles o queiram crer ou não. O Acampamento não educou. O Acampamento não exerceu sobre eles uma verdadeira e profunda influência para o Bem, que é o objectivo final que leva a Igreja Adventista a lançar-se na organização dos Acampamentos.

Talvez que um programa destes não interesse a todos os jovens. Não poderiam esses jovens rogar a Deus em oração para que possam compreender os verdadeiros e multifacetados aspectos do Acampamento e para que o Senhor os ajude a se integrarem com honestidade e respeito próprio no conjunto das actividades na Costa de Lavos? E à falta desta compreensão não poderiam, alguns, talvez, decidirem-se a não participarem no Acampamento?

Partimos para o Acampamento conscientes de que ele nos oferece a todos uma grande oportunidade para o nosso desenvolvimento espiritual, social, intelectual e físico, mas partimos também com a plena compreensão de que esse ideal não será alcançado somente com a boa vontade, a colaboração, o entusiasmo e a disciplina de alguns. Diz a Escritura que um pouco de fermento leveda toda a massa e bastará que uns poucos de entre nós não queiramos ou não estejamos à altura de cooperar com as linhas mestras traçadas para o Acampamento, para que momentos desagradáveis, testemunhos lamentáveis e atitudes dolorosas se façam sentir no nosso meio.

A cada um de nós que está planeando participar no Acampamento cabe a decisão, desde já, de se tornar numa bênção ou não, na vida do dia a dia do Acampamento.

Da parte daqueles que vão participar na direcção do Acampamento há, que ninguém duvide, a melhor boa vontade em fazer o seu melhor.

Se todos afinarmos pelo mesmo diapasão, voltaremos às nossas igrejas, no final de Agosto, mais fortes, mais sábios, estimando-nos mais uns aos outros e, sobretudo, mais perto de JESUS e da realidade de Sua maravilhosa Mensagem.

Que esta possa ser a experiência de cada um dos participantes no Acampamento, são os nossos sinceros votos.

José M. Matos

# notícias do campo

## NOTÍCIAS DA IGREJA DE ESPINHO

Espinho, Maio de 1976.

Razão tinha Jesus quando disse que uma alma vale mais que o mundo! Podemos afirmar que na verdade as almas estão muito caras; toda a igreja se tem esforçado e muito tem trabalhado no sentido de oferecer ao Senhor troféus ou frutos do seu trabalho. Só agora pudemos ver o resultado deste trabalho da igreja e ei-las! Cinco, que com satisfação ostentam o seu certificado de baptismo. Por ser a primeira festa do género este ano, podemos dizer que o nosso salão estava superlotado; foi um dia de alto regozijo para os nossos irmãos. A nossa alegria foi imensa quando verificámos que responderam ao apelo feito cerca de 20 visitas, algumas que esperam apenas o momento de poderem resolver alguns problemas que as afectam, de contrário já no coração são Adventistas do Sétimo Dia. Louvado Seja Deus!

Esperamos muito em breve entregar ao Senhor mais algumas preciosas almas. De resto podemos dizer e com muita satisfação que a Igreja de Espinho não está a dormir, estão todos ao trabalho, tão-somente as almas estão muito caras. Foi para nós motivo de alegria o facto de em pouco tempo termos sido visitados, primeiro pelo pastor Benito Raymundo, com o filme da Paixão de Cristo que arrancou lágrimas da maior parte dos nossos irmãos e de muitas visitas, e que



desde já reclamamos a sua presença com novo filme, pois foi do agrado de todos, o que levou uma visita a declarar, no fim, que estava pronta a entregar-se ao Senhor.

— Alô Pastor Benito, daqui lhe lançamos o apelo, esperamos que responda satisfatoriamente, venha breve a Espinho, todos o reclamam —. Depois tivemos a visita dos pastores Cupertino, nosso presidente de União, e Baião, presidente de nossa Associação. A nossa sala estava cheia: este é sem dúvida o maior apelo que poderemos fazer aos nossos prezados irmãos para uma nova visita a este rebanho.

### Irmão colporteur Albino Moreira dos Santos

Adormeceu no Senhor este batalhador da fé e obreiro da página impressa. No seu funeral, muito concorrido, esteve presente o pastor Arnaldo Martins.

As nossas condolências à família enlutada.

Louvado seja o Senhor nosso Deus porque tanto nos tem ajudado! Agradecemos as vossas orações em favor do nosso trabalho.

Adelino Nunes Diogo

## PASSEIO MISSIONÁRIO A BEJA

No dia 16 de Maio, cerca de 250 jovens e irmãos das igrejas do Barreiro, Baixa da Banheira, Setúbal, Almada e Seixal, Faro e Vila Real, foram deabalada até Beja.

Ali existiu, creio que há cerca de 20 anos, uma Igreja que fechou. No entanto, existem ali ainda uma ou

duas pessoas baptizadas e algumas outras interessadas.

Assim, tendo chegado a Beja, cerca das 10 horas, foram os visitantes divididos em 5 grupos, que distribuíram 500 lições n.º 1 do Futuro Brillhante e cerca de 1000 convites para uma reunião que teria lugar às 16 horas, no Ginásio da Escola Industrial e Comercial.

Um grupo especial tomou contacto com os antigos interessados, ainda ali existentes.

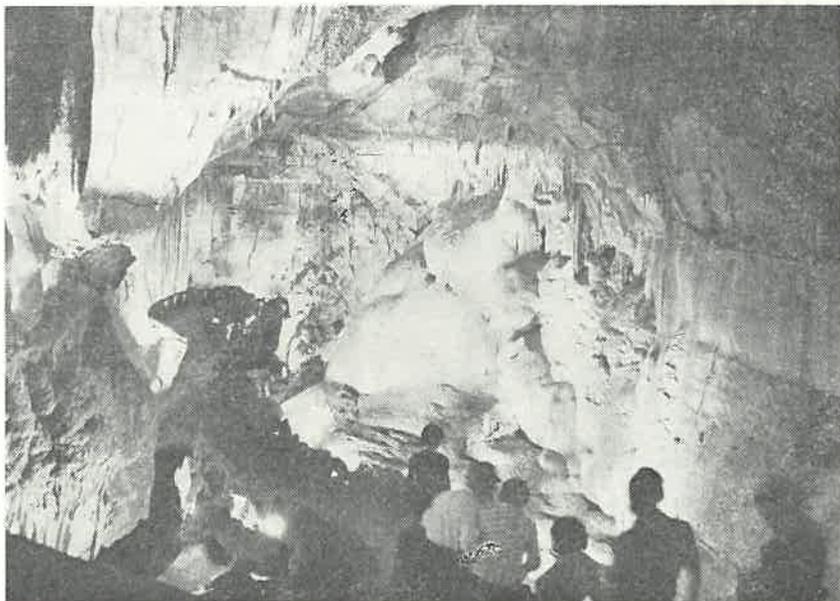
Depois de algumas horas de confraternização num agradável jardim,

dirigimo-nos às 15 horas para a Escola Técnica. O programa constou de coros, música e poesia, pelos jovens das várias igrejas ali representadas. Uma pequena mensagem sobre Jesus foi também apresentada. Tivemos cerca de 100 visitas que, juntamente com os irmãos e jovens, enchem completamente o vasto salão.

Esperamos que esta actividade missionária possa fazer ressuscitar o interesse pela Mensagem do 2.º Advento, em Beja.

J. Morgado

# UMA VISITA DOS DESBRAVADORES DA ÁREA DE LISBOA ÀS GRUTAS DE SANTO ANTÓNIO E MIRA DE AIRE



Saímos da Igreja Central às 7.40 da manhã. Fomos à Av. do Brasil buscar os nossos colegas da Igreja de Alvalade e ainda fomos buscar mais uns jovens ao «Relógio».

Passámos por Sacavém, Vila Franca de Xira, Carregado, Alenquer, Ota, etc.

Quando chegámos à gruta de Santo António, fomos visitá-la; descemos

quarenta e dois metros de profundidade. Gostei bastante de ter visitado esta gruta.

Soubemos depois que havia mais umas grutas, muito belas, que eram as de Mira de Aire. Lá fomos vê-las. Nestas descemos cento e dez metros, e soubemos que estas grutas eram umas das maiores da Europa, e que

tinha fontes luminosas. De facto, eram maravilhosas.

Aqui fizemos uma pausa, para comer-mos. Depois, fizemos jogos de pistas e outros mais.

No regresso, vimos por outra estrada e fomos dar à Estrada Nacional.

Durante a viagem, dentro da camioneta, houve um festival de canções, tendo ficado em primeiro lugar o casal Steel.

Ao chegarmos à igreja, todos alegres comentávamos os vários momentos deste tão belo passeio.

**Alberto Manuel Raposo  
Correia de Pinho  
(Desbravador)**

## NOTÍCIA DO SEIXAL

Uniram-se no dia 4 de Abril, em solene cerimónia de casamento, na Igreja Adventista do Seixal, os jovens irmãos Glória dos Santos e José Teixeira Pólvora...

Observados os requisitos práticos que regem estes actos religiosos na Igreja de Deus, o Obreiro local pediu a bênção do Céu para os Cônjuges.

Formulamos os mais sinceros votos ao Senhor para que o jovem casal se una num profundo e constante amor, e para que Cristo seja o primeiro, o último e o melhor na união das suas vidas, ao longo dos dias futuros.

**F. Esperancinha**

## CONDENADOS À MORTE POR TEREM GUARDADO O SÁBADO

### Bibliografia do artigo que apareceu no número de Maio

(1) — Paul BEUZART, doutor em Teologia, «As heresias durante a Idade Média e a Reforma até à morte de Filipe II, 1598, na região de Douai, de Arras e no país do Alleu», Paris, 1912.

(2) — Hebreus 11:3.

(3) — Paul LEUTRAT, «Os Valdenses», p. 128 (edições sociais, páginas de História popular), Paris, 1966.

(4) — Jean CRESPIN, «História dos mártires», Tomo I, pp. 56 e 382, Toulouse, 1885-1889.

(5) — Paul BEUZART, obra citada, pp. 54, 63.

(6) — Paul LEUTRAT, obra citada, Capítulos III a VI — «Pedro Valdo, tendo deixado a sua pátria, voltou para os Países Bai-

xos e, ganhando uma quantidade de partidários na Picardia, dirigiu-se para a Alemanha». (Jaques-Auguste de THOU, 1553-1617, «História Universal», Livro VI, Par. 7, Tomo I, p. 533) — «Pedro despendia energias na Picardia onde três quartas partes da província aderira ao movimento (valdense), de tal modo que durante muito tempo o termo «Picardos» foi sinónimo de Valdenses.» (Magda MARTINI, «Pedro Valdo», p. 132 Labor et Fides) 1961.

(7) — Emílio COMBA, «História dos Valdenses: de Valdo à Reforma», Florença, 1901.

— Zoé OLDENBOURG, «A Fogueira de Montségur», p. 82, Paris Gallimard, 1959.

(8) — BONACURSUS, escritor eclesiástico, citado por D. Luc

D'ACHERY (beneditino francês, 1609-1685), «Spicilegium», Tomo I, p. 212, Bonacursi vita haereticorum.

— Jean-Laurent de MOSHEIM (teólogo protestante, 1694-1755) «Institutiones historiae ecclesiasticae», Vol. 1, p. 333, Nova Iorque, 1871, etc..

(9) — Jean-Paul PERRIN, «História dos Valdenses», Livro I, Cap. 3, p. 25, Filadélfia, 1847.

(10) — Eberhard de BETHUNE (1212) «Eberardi Liber Contra Valdenses», Vol. 24, p. 1572; (estes dois últimos são citados por Le Roy E. FROOM — autor adventista — «A Fé Profética dos Nossos Pais», Vol. I, p. 863, Washington, D. C. 1950.

(11) — Paul LEUTRAT, obra citada, p. 63.

# caixa de perguntas

## OS VINHOS DA BÍBLIA

**A palavra «vinho», da maneira como é empregada na Bíblia, refere-se sempre ao vinho fermentado?**

«A posição dos adventistas do sétimo dia quanto ao uso de bebidas embriagantes tem sido sempre coerente e bíblica. A Igreja adotou sempre o ponto de vista inequívoco de que as bebidas alcoólicas debilitam o corpo e a mente, não devendo portanto ser usadas pelos filhos de Deus, pois «se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque, o templo de Deus, que sois vós, é santo» (I Cor. 3:17). O uso destas bebidas não só prejudica o corpo e a mente, mas o resultado do hábito continuado de as ingerir incapacita a pessoa para entrar no reino do Céu (capítulo 6:10). O álcool é formado pelo processo de fermentação. Fermentação significa morte, e a morte é resultado do pecado.

«Existe evidente divergência da parte de vários estudiosos da Bíblia quanto ao uso de bebidas denominadas «vinho» nas Escrituras. Numerosas pessoas versadas na Bíblia, tanto no passado como no presente, concordam entretanto com a crença de que a palavra «vinho», como é usada nas Escrituras, se refere a uma bebida inebriante. Alguns têm ido ao ponto de insinuar que o seu uso como tal tem a aprovação divina na Bíblia. Isto por sua vez tem servido como uma espécie de permissão para muitos participarem dessas bebidas alcoólicas e usarem o vinho fermentado no serviço de comunhão, alegando que a Bíblia e até mesmo Jesus sancionam o seu uso.

«Vários livros de consulta — léxicos, comentários, dicionários e enciclopédias — também parecem concordar em que o «vinho» e outras palavras correspondentes, em qualquer idioma, se referem apenas a bebidas fermentadas. Outras fontes são mais enfáticas em afirmar que os vinhos usados nos tempos bíblicos eram, em geral, fermentados. O Dr. Guilherme Smith, no seu **Dictionary of the Bible**, é um exemplo disto. Escreve ele:

«Tem-se debatido se o vinho hebraico era fermentado, mas a impressão causada na mente por uma análise geral das indicações acima (textos do Velho Testamento), é que as palavras hebraicas para designar o vinho se referem ao vinho fermentado e embriagante.» — Página 997.

«Se a citação acima fosse certa, ainda que de modo geral, haveria evidente contradição por parte dos escritores da Bíblia quanto ao que realmente é indicado pela palavra «vinho» — um produto fermentado ou não fermentado. Reconhecidamente, num clima quente, sem a vantagem da refrigeração, o sumo puro da uva teria de ser ingerido logo após a sua produção, para evitar a fermentação. Mesmo esta suposição, porém, não pode ser considerada como significando que todas as vezes que é empregada a palavra «vinho» na Bíblia, ela faça alusão ao vinho fermentado.

«É óbvio que os escritores bíblicos estabelecem uma distinção entre os vinhos da Bíblia. No Velho Testamento, os sacerdotes arcaicos foram proibidos de beber vinho ou bebida forte enquanto estivessem ministrando no tabernáculo (Lev. 10:9). Os que faziam o voto de nazireu

eram igualmente proibidos de tomar vinho fermentado (Núm. 6:2 e 3). Estas proibições não podem de modo nenhum referir-se ao «sangue das uvas, o vinho puro», em que havia «bênção» (Deut. 32:14; Isa. 65:8).

«O registro do Novo Testamento também é coerente. O primeiro milagre de Cristo na festa de casamento foi produzir «bom vinho» numa emergência. Este era sumo puro de uva. Notai esta declaração inspirada:

«Foi Cristo que deu instruções para que João Baptista não bebesse vinho nem bebida forte. Ele que dera a mesma prescrição à mulher de Manué. E proferiu uma maldição sobre o homem que chegasse a taça aos lábios do próximo. Cristo não contradiz os seus próprios ensinamentos. O vinho não fermentado que proveu para os convidados das bodas era uma bebida sã e refrigerante. O seu efeito havia de pôr o gosto em harmonia com um apetite são.» — **O Desejo de Todas as Nações**, pág. 106.

«O derradeiro acto do Salvador para com os Seus discípulos foi a instituição da Ceia do Senhor, para substituir a ceia pascoal. Que o vinho usado nessa ocasião não era fermentado, é confirmado pelo facto de que durante a época da páscoa a levedura e todas as outras coisas fermentadas não deviam ser encontradas em qualquer lar hebreu. (Êxo. 12:15). É inconcebível que o vinho usado para representar o sangue de Cristo (I Cor. 11:25) tivesse a contaminação do fermento e da sua causa, que é a morte. Jesus disse aos discípulos: «E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba, de novo, convosco, no reino do Meu Pai» (MaMt. 26:29). O vinho usado na Ceia do Senhor foi chamado o «fruto da vide.» O fermento é um símbolo do pecado, e como em Cristo não havia pecado, o vinho que representa o Seu sangue não deve conter fermento.

«O Velho Testamento menciona que o vinho «misturado» era empregado nas festas (Prov. 9:2 e 5) e ocasiões de intemperança (Isa. 5:22). Semelhante mistura de vinhos tinha evidentemente um efeito delirante (Prov. 23:29 e 30). Cumpre notar que na crucifixão de Jesus Lhe ofereceram «vinho com mirra», para atenuar a dor (Mar. 25:23), mas Ele recusou-o devido ao efeito entorpecente que exercia sobre o cérebro. O Salvador da humanidade necessitava de todas as faculdades da Sua natureza para triunfar sobre o adversário nessas últimas horas decisivas, por isso recusou o que teria contribuído para Lhe aliviar a dor.

«De passagem, convém notar que nos tempos bíblicos as videiras não eram cultivadas unicamente com o objectivo de produzir vinho, mas também para outros fins. Escreve o Dr. Eli Smith, que passou anos na Terra Santa: «O vinho não é o mais importante, mas sim o mais insignificante de todos os objectivos por que é cultivada a videira.» Creio ser significativo que quase todas as palavras que designam o produto da videira, são traduzidas simplesmente por «vinho». Oseias 3:1, segundo a tradução de Almeida, revela que a palavra «vinho» também pode ter o significado de «uvas».

Um estudo cuidadoso do emprego da palavra «vinho» na sua colocação original no hebraico e no grego, revela claramente o facto de que são mencionadas duas espécies de vinho nas Escrituras Sagradas — uma embriagante e outra não embriagante.

«O hebraico é uma língua muito compacta, mas é rica em sinónimos. Por exemplo, existem treze palavras em hebraico para a palavra «homem» em português. Ela possui mais do que sessenta vocábulos diferentes para a palavra «tomar». Há onze palavras traduzidas por «vinho» nas nossas Bíblias; mas isto de um vocábulo português valer por quase uma dúzia em hebraico, destrói forçosamente muitas particularidades do seu significado. É óbvio que nem todas as onze palavras traduzidas por «vinho» se referem ao vinho da maneira como o conhecemos — embriagante ou não embriagante — mas a outros produtos da videira. Não é necessário, no entanto, examinar todas as onze palavras hebraicas traduzidas por «vinho», pois o testemunho da Bíblia hebraica se baseia em grande parte sobre três palavras principais, e na maneira em que são usadas.

## I. VELHO TESTAMENTO

«1. **Tirôsh**. O estudo das passagens em que ocorre esta palavra, quase não deixa dúvidas de que o vinho a que se refere é de tipo inócuo e não embriagante. O vocábulo é empregado trinta e oito vezes, e sempre relacionado com coisas boas. **Tirôsh** foi dado para sustentar o homem (Gén. 27:37); ele alegra o coração (Sal. 104:15); produz regozijo e prosperidade (Prov. 3:10); é igualado aos bons frutos da terra (Oseias 2:22). (Ver também Joel 2:19, Miqueias 6:15 e Zacarias 9:17).

«2. **Shekar**. A palavra «vinho», quando traduzida de **shekar**, designa sempre uma bebida inebriante, e a sua versão para «bebida forte», nas Bíblias em português, é bem apropriada. Note-se como esta palavra é usada: «O vinho é escarnecedor, e a bebida forte alvoroçadora» (Prov. 20:1); produz pesar e contenda (Prov. 23:29); sacerdotes e profetas têm errado devido à bebida forte (Isa. 28:7); é proferida uma maldição sobre os que seguem a bebedice (Isa. 5:11).

«3. **Yayin**. Os textos em que se encontra esta palavra revelam ser ela simplesmente um vocábulo genérico que se refere ao vinho em geral. É usada tanto com aprovação como com desaprovação nas Escrituras, sendo que só o contexto poderá revelar se faz alusão ao vinho inebriante ou não inebriante. Este vocábulo ocorre 140 vezes no Velho Testamento. Observe-se como ambas as espécies de vinho são representadas pela palavra **yayin**: Noé, «bebendo do vinho, embriagou-se» (Gén. 9:21); «Até quando estarás tu embriagada? Aparta de ti esse vinho» (1 Sam. 1:14); «Oprimiram o povo, e lhe tomaram pão e vinho» (Neem. 5:15); «Vinde e compraí, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite» (Isa. 53:1, usado figuradamente).

«Oseias 4:11 serve de bom exemplo para o emprego de duas das palavras hebraicas acima mencionadas: «A incontinência, e o vinho (**yayin**), e o mosto (**tirôsh**), tiram a inteligência.» Cumpre notar que **yayin**, o termo genérico para vinho, e **tirôsh**, indicando o vinho não fermentado, são citados juntamente com incontinência. Isto é uma acusação contra o abuso do apetite e aponta para o estado de degradação em que todas as coisas contribuem para a sensualidade e a natureza carnal. Isto tanto poderia ser dito a respeito do abuso de bons alimentos e bebidas, como dos que fossem prejudiciais e embriagantes.

## II. NOVO TESTAMENTO

«No Novo Testamento há três palavras gregas que são traduzidas por «vinho». A mais usada é **oinos**; as duas outras palavras são empregadas apenas uma vez, fazendo alusão ao vinho fermentado. São **sikera** e **gleukos**, usados nos seguintes textos: «(João Baptista) não beberá vinho (**oinos**), nem bebida forte (**sikera**).» Luc. 1:15; «E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto (**gleukos**)» (Actos 2:13).

«A Versão dos Setenta usa a palavra grega **oinos** para traduzir tanto **yayin** como **tirôsh** — das quais a primeira alude ao vinho em geral, e a última ao vinho não fermentado. Em virtude disto, a erudição cuidadosa deveria empreender a interpretação dos textos em que aparece o vocábulo **oinos**, tomando em consideração o contexto em que se encontra a palavra. Só isto determina se **oinos** deve ser traduzido por bebida inebriante ou não. Observe-se o emprego de **oinos** nas seguintes passagens: Luc. 7:33 — «Porque veio João Baptista, que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demónio.» Luc. 10:34 — «O bom samaritano «atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho.» João 4:46 — «Segunda vez foi Jesus a Caná da Galiléia, onde a água se fizera vinho.» A palavra **oinos** é usada em cada um dos textos acima, mas evidentemente são descritas diferentes espécies de vinho.

«Alguns escolhem certas passagens em que é usada a palavra «vinho», não conhecendo o emprego que lhe é dado nas línguas originais, e deturpam o verdadeiro sentido da palavra a fim de servir aos seus próprios objectivos. É inconcebível que Paulo, por exemplo, acon-

selhasse certas pessoas da Igreja primitiva a usar **shekar** numa ocasião, e a evitá-lo noutra ocasião, pois Paulo sabia que os vinhos fermentados eram terminantemente condenados no Velho Testamento, a Bíblia do seu tempo.

«O estudo dos vinhos da Bíblia revela o facto de que para toda a boa coisa feita por Deus, Satanás inventou uma contrafacção. Em nenhuma parte das Escrituras se pode provar que Deus sancionou o uso de vinho fermentado. Ele deu ao homem o sumo puro de uva, para seu deleite e benefício. Utilizou-o como símbolo do sangue derramado de Cristo em nosso favor. — Ricardo J. Barnett, **O Ministério Adventista**, Setembro-Outubro de 1966.

## O que se sabe acerca do QUEIJO

(Continuação da pág. 12)

2. Evite os queijos curados e fermentados, como o Roquefort ou o Limburger, os alimentos preparados que contenham queijo ou misturas de queijos.
3. Ponha completamente de parte qualquer queijo que esteja ressequido ou apresente bolor.
4. Escolha sempre queijos feitos com leite pasteurizado.
5. Tenha o cuidado de comprar queijo que não tenha sido curado com produtos derivados do porco.
6. Deve preferir queijos contendo uma baixa percentagem de gordura.

(Traduzido da Revista Adventista espanhola)

## SEPARAÇÃO PROFETIZADA em 1914 ou na Lei Dominical?

(Continuação da pág. 11)

Este maravilhoso texto estabelece:

- a) A IASD não caiu e não cairá jamais; Ela permanecerá até o fim, como Igreja de Deus (Ver também, 2TS, 363; 3TS, 439, 440);
- b) Os pecadores, ou os que não foram santificados pela obediência à verdade, serão lançados fora;
- c) Quando? Em 1914? Não! No joeiramento, sacudida ou decreto dominical, e
- d) A palha é que será levada. (SC, 49).

Irmãos reformistas, porque ficar ainda assim separados da Igreja remanescente de Deus? Porque não desfrutar connosco o prazer santo que advém da plena certeza e consciência de estar na Igreja certa?

Venham! Rendam-se todos ao Espírito de Deus! Estamos orando por vós!

# Maria Não Se Casou

Não que fosse feia. Os traços eram comuns, mas havia o prestígio da graça, da simpatia, desses ademanos de mulher, enfim, que através de todos os tempos têm dulcificado a vida forte masculina.

Mas Maria não se casou.

Os anos foram passando, céleres, empoeirados por pequenas desilusões, enriquecidos de breves esperanças, machucados pela realidade, às vezes brutal, de cada dia.

O trabalho, as responsabilidades têm a incumbência abençoada de obliterar os desenganos, sepultando-os sob a lápide do esquecimento. Uma vez por outra algum episódio mais marcado pela dor ou a alegria aflora à memória, espalhando laivos de agrídoces lembranças. Assim aconteceu com Maria.

Quando fios indiscretos revelaram, na bonita cabeleira, que a idade primaveril se ia distanciando, Maria debruçou-se sobre a amurada das recordações, na tentativa de se firmar numa posição vantajosa, em relação às amigas:

Lá estava Corina, casada aos dezasseis, uma loucura! Que lhe oferecera a vida? Presa à casa, cuidando dos filhos, do esposo, na rotina infundável dos deveres domésticos. Envelhecera prematuramente. E Leticia, então? Quantos desgostos lhe causara o primeiro filho, chafurdando no vício, em plena adolescência. A amiga mais chegada perdera a linda filhinha e inúmeras vezes Maria enxugara o pranto dorido que orvalhava os olhos dessa jovem mãe! E havia Marta, a irrequieta Marta, cuja jovialidade se esvaía sob as responsabilidades da vida matrimonial. Eulina fora feliz, ao que parecia. Vivia contente apesar dos contratemplos, constantes das labutas de todos os dias. Mas era um trabalho sem fim...

Nas cenas bonitas dos lares felizes onde havia serenidade, dotes cristãos, risos infantis, Maria conseguia vislumbrar a preocupação normal, justificável, pelo futuro dos filhos. Lembrou-se da sua liberdade. Quanta esposa e mãe, pensou, com aspirações artísticas

e literárias, as abafou no recôndito da família, superadas que foram pelo encargo prioritário do lar. Invejavam-na, por certo, pelas horas livres, pela autodeterminação que desfrutavam.

Essas recordações, honestas e leais, isentas dos ressaibos da inveja que a amplitude da sua alma jamais acalentaria, não trouxeram a Maria a devida consolação. Havia um descontentamento íntimo, sabendo à injustiça. Sentia-se solitária.

Sacudindo de si, porém, o fardo enevoado dos desencantos, Maria propôs-se viver o momento tangente dos dias presentes. Voltou-se para as flores, companheiras de tempos afortunados ou infelizes. Devotada a esse mister refrigerante, Maria despertou para uma nova emoção. Oferecia-as, orvalhadas e frescas, como quem distribui sorrisos. Quantas vezes um ramo de trêmulas corolas traduzia a mensagem do amor que os lábios tímidos não sabiam exprimir!

Até que um dia, uma intensa realidade marcou encontro com a jovem amadurecida. Os seus olhos pousaram num grupo desmaiado de inquietantes crianças, vidas apontando para um futuro incerto e inseguro, sacudidas que eram pelas injustiças de um mundo mau. Os braços de Maria, o seu colo amigo, os olhos sorridentes, acolheram, uma a uma, essas almazinhas desbotadas; deu-lhes o calor, a segurança de um destino feliz.

E Maria encontrou a paz, a razão da sua vida. Não somente isso. Achou a alegria, porque sem essa não há felicidade. Percebeu que Jesus concede uma alegria plena, que é independente de quaisquer conjunturas humanas. Sentiu-se amada, necessária, realizou-se, enfim. Experimentou a felicidade real, o gozo que permanece quando a festa termina, se o carinho é negado, quando os amigos vão embora, se tudo é banal.

Maria tem o nome no livro do Céu, garantia de continuação da experiência presente de alegria palpável e ininterrupta. Que poderia ser mais maravilhoso?

Bendita sejas tu, entre as mulheres, Maria!

**Yolanda Anversa da Silva**

## A Revista «Vie et Santé» Festeja o seu 1000.º Número

A imprensa francesa publicou a seguinte nota por ocasião do aparecimento do número 1000 da revista adventista de saúde «Vie et Santé», fundada em 1890:

«Acontecimento único na imprensa francesa. Um periódico mensal, **Vie et Santé**, festeja o seu milésimo número. Muitos franceses conhecem o Plano de 5 Dias para deixar de fumar, ou porque tenham beneficiado dele, ou porque tenham acompanhado as operações France-Inter em Salers, Mauriac ou Gérardmer. Mas poucos sabem que, já em 1913, esta associação tinha conseguido uma medalha de bronze pela sua luta contra o abuso do tabaco.

«Esta simpática revista pretende promover uma saúde global, dando informações sobre os factores psicológicos, do mesmo modo que dietéticos ou fisiológicos, que a inspiram. Com as suas diversas rubricas de psicologia educativa, de medicina, de tratamentos naturais e de cozinha, com as suas páginas femininas ou a sua crónica da terceira idade, **Vie et Santé** apresenta-se não apenas como a mais antiga, mas como a única revista de educação sanitária e familiar.»

## Programas de Televisão Adventista em Português

Foi criada na América do Sul uma nova organização da televisão adventista, a «PLA — Produções Luz e Amor». Artur de Sousa, director do departamento de Comunicações, informa que a primeira produção é constituída por uma série de programas de dez minutos semanais, a cores, intitulada: «Uma Luz no Vosso Lar». Estes programas começam a ser transmitidos no sul do Brasil e estender-se-ão, sucessivamente, a todo o resto do país.

Outro dos modernos programas de televisão adventista chama-se «Portugal Hoje» e destina-se aos milhares de portugueses que vivem em Ontaria, nos Estados Unidos da América. É apresentado todos os domingos, das nove e meia às dez e meia da manhã, através de um dos canais de Toronto, pelo Pastor Henrique Fayerabend. Em resposta, recebem-se mensalmente centenas de pedidos de lições da Bíblia.

## do mundo adventista

### Supermercado Adventista Sobre Rodas

A Associação Adventista da Columbia, nos Estados Unidos, possui, para serviço dos crentes, um autêntico supermercado sobre rodas, montado num enorme atrelado de 14 metros de comprimento, que circula durante todo o ano levando livros, discos, cassetes gravadas, alimentos dietéticos e congelados.

Os membros são avisados da sua passagem, de maneira a poderem comprar directamente os citados artigos e avisar ainda os seus amigos e conhecidos dessa possibilidade. Este serviço é muito apreciado e todas as pessoas que entram em contacto com ele constataam que a Igreja Adventista não se limita unicamente a pregar mas actua também no plano prático.

### Convenção de Professores em Sagunto

Por ocasião do longo fim-de-semana da Páscoa teve lugar no Seminário de Sagunto, Espanha, uma proveitosa convenção de professores. Houve cerca de trinta participantes a escutar os especialistas em assuntos de educação Dr. E. Young da Conferência Geral e Dr. E. E. White da Divisão. Os Pastores C. Puyol e G. Cupertino, da Associação, e ainda o Dr. R. Posse, do Seminário, apresentaram igualmente temas importantes.

### Auxílio às Vítimas dos Abalos Sísmicos do Norte da Itália

Foi votado um subsídio de 15 000 000 de liras italianas (cerca de 375 000\$00) para a compra de tendas e alimentos para crianças destinados às famílias atingidas pelos recentes abalos sísmicos na região de Udine, no norte da Itália. Mais 5 000 000 de liras foram despendidos na compra de remédios, toalhas, sabão, etc., para famílias necessitadas tanto da Itália como da vizinha Jugoslávia. Nenhum adventista sofreu perda de vida, de bens, ou ficou ferido neste desastre. O director das Actividades Leigas da Divisão, Harald Knott, acompanhou a remessa dos materiais para ajudar na sua justa distribuição.